

A

As crianças mal passam pelo portão de grades quase sem pintura e vão deixando seus modernos aparelhos celulares dentro de uma caixinha de papelão. O diretor leva todos os telefones para sua sala, no segundo andar da Ecole Primaire des Baumettes Mixte I, em Nice, na França. Os alunos só irão deslizar os dedos pelas telas de seus smartphones ao final do dia. E eles não tomam os freios para relutar na entrega dos telefones. Sabem que ultrapassando a porta de vidro que dá acesso às salas de aula estão entrando em um mundo com uma forte carga de responsabilidade. As crianças ensinadas pela professora Caroline Gragnic são realmente protagonistas de suas ações, projetando o futuro. Elas fazem parte de um projeto que desenvolve os deveres de um cidadão a partir de trabalhos em sala de aula.

– Temos um programa chamado cidadão eco-responsável, no qual os alunos pesquisam e definem ações para que a escola fique mais limpa. Eles fazem painéis e cartões com as atividades desse projeto. Mobilizamos os pais, inclusive – exemplifica.

Nada de conceitos surrados para energizar as aulas de Caroline. A passividade é uma fenda abissal capaz de sugar e sepultar o crescimento do aluno. Quando perguntada sobre como a escola participa no processo de aprendizagem do estudante, ela torpedeia:

– São os próprios alunos que vão se formar e desenvolver condições para tomar suas decisões, sabendo o que é o bem e o mal, por que não agir com racismo, por exemplo. Luto para que meus alunos tenham personalidades próprias. Se eles não gostam de uma coisa, precisam me dizer por que eles não gostam. Cabe somente a eles assumir seus lugares no mundo. Se o aluno não se esforçar, não chegará a lugar algum.

Caroline é dinâmica e consciente. Sabe que mesmo com esses programas e iniciativas, a realidade de Nice se mostra distante de um cenário que possibilite a garantia de um futuro ideal. Não se trata de pessimismo. É com a mesma carga de responsabilidade repassada às crianças que a professora encara os dilemas trazidos pelos pequenos para a sala de aula.

– Tenho estudantes que agem como turistas. Entram aqui (*na sala*) e ficam em outro mundo. Eles estão sentados esperando que as férias cheguem, não se comprometem nem mesmo com a professora. Vejo que nossa relação com os alunos está distante – lamenta.

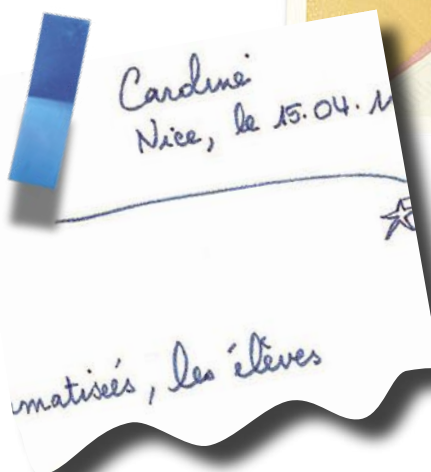
A aposta de Caroline está em metodologias de ensino divertidas.

– Faço jogos. Peço para eles (*alunos*) pesquisarem sobre um assunto, dou pontuação para quem atingir um objetivo, faço ranking – lista.

Entre traços de lápis e orelhas em páginas de livros, são essas as maneiras que a francesa encontra para driblar situações conflitantes que os alunos vivenciam em casa.

– Temos famílias com pais separados, problemas de disputa de guarda, mães que vivem com segundos ou terceiros maridos, estrangeiros que têm o pai na Tunísia (*por exemplo*) e a mãe aqui (*França*). Isso gera

Antigamente um professor tinha um certo status. Agora, não mais.



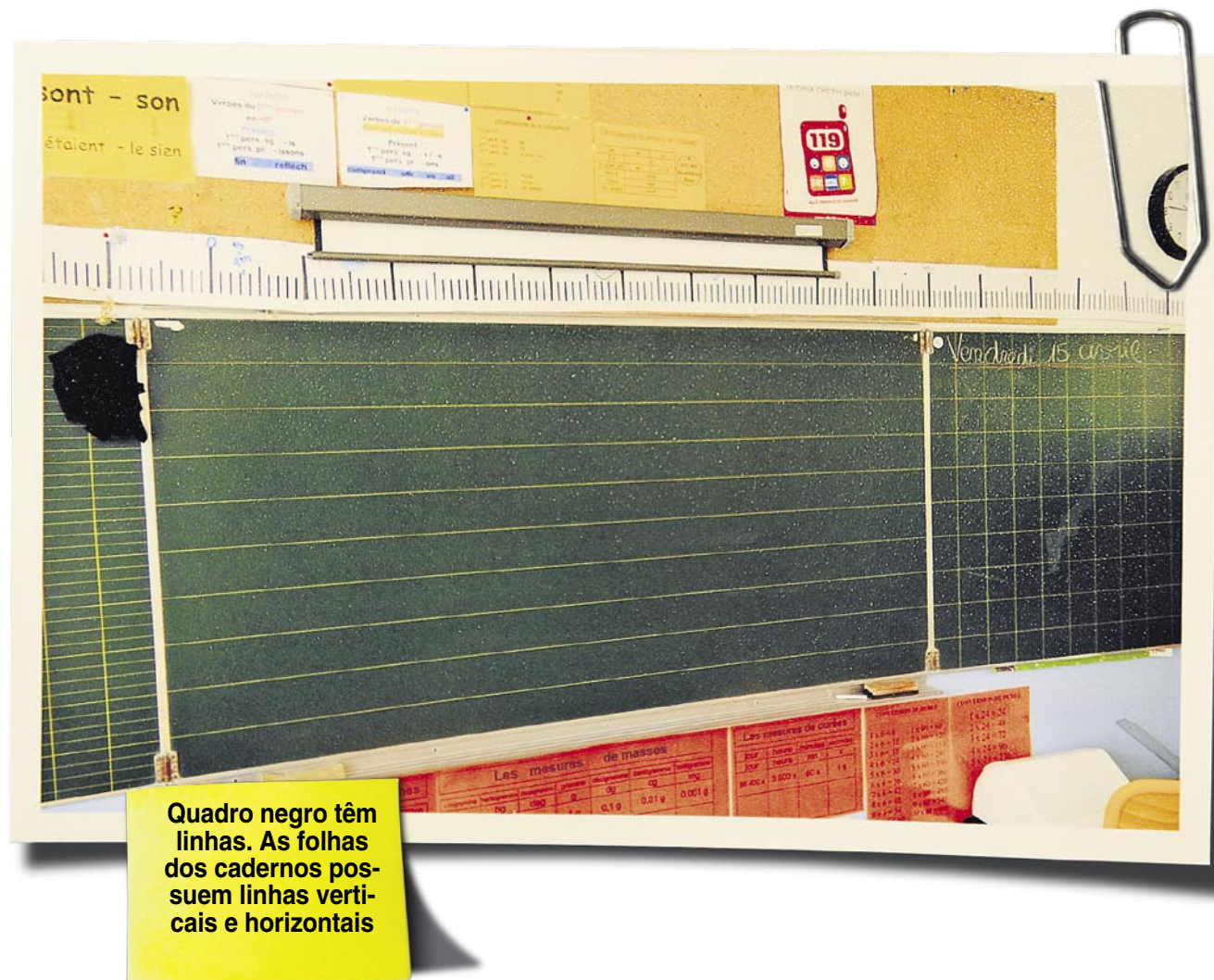
Ao sul da França, Nice é cidade turística pelo mar incrivelmente azulado.

População:

347.060

dados de 2006 do Instituto Nacional de Estatística e dos Estudos Econômicos (INSEE)

A ousadia francesa



Quadro negro têm linhas. As folhas dos cadernos possuem linhas verticais e horizontais